

Zuenir Ventura



Em algum lugar ao Norte do país

Genésio, a testemunha, está voltando. Não para o Acre, como queria, mas para um outro estado do Norte. Se ele voltasse para sua terra natal seria fatalmente morto, me garantiram por telefone queridos amigos acreanos. Se não diretamente por Darli ou Darci, que estão foragidos, pelo menos por alguém da família. Não tive por que duvidar. Essa família quando promete, mata. Já fez isso antes.

Para quem não se lembra, o cidadão Genésio Ferreira da Silva foi a principal testemunha do caso Chico Mendes. Como morador da fazenda do velho assassino Darli, onde vivia desde os sete anos, o menino acompanhou os preparativos do crime, ouviu o relato de seus autores, constatou evidências — e resolveu contar tudo à polícia.

Quando o conheci em 1989 em Xapuri, aonde eu fora para uma série de reportagens, ele tinha pouco mais de 13 anos, e sua vida não valia nada. Passava os dias no quartel da PM e dormia na delegacia, mas todo mundo sabia que nada disso ia adiantar; nenhuma medida de segurança iria impedir que lhe acontecesse o que aconteceu a Chico. Era questão de tempo, ele seria morto. Naquelas plagas,

ninguém é testemunha de acusação impunemente. Resolvi então trazê-lo para o Rio.

Em dezembro de 1990, voltamos para o julgamento — “o julgamento do século”, como se escreveu — que atraiu a imprensa e os ambientalistas do mundo todo, formando aquele grande circo, não sei se vocês se lembram. Com uma coragem que impressionou o júri, Genésio confirmou o que sabia, e o seu depoimento acabou sendo decisivo para a condenação de Darli e seu filho Darci a 19 anos de prisão, dos quais só cumpriram dois.

O garoto saiu do julgamento como herói: com convites para estudar nos Estados Unidos, oferecimento de bolsa e até notícia na TV informando que ele já estava lá em conforto e segurança. Desligadas as câmeras, nada disso aconteceu. Genésio cumpriu o seu dever, mas quase ninguém cumpriu suas promessas.

De meados de 1989, quando veio para morar, até agora, quando volta com 20 anos (faz em agosto), Genésio passou por muitas escolas, cidades e experiências, numa inadaptação permanente. Nunca se acimatou ao Sul, esse ser telúrico, produto quase vegetal dos povos da floresta. Choque cultural é isso aí. Decididamente, seringueira do Acre não vive na areia de Ipanema.

Cessa agora a minha responsabilidade — se esse tipo de compromisso tivesse data para cessar. De qualquer maneira, ele terá quem cuide dele onde vai começar vida nova. Na sua conta bancária, leva o dinheiro que consegui arrancar dos produtores americanos como pagamento pelo direito de usar sua imagem no filme sobre o líder seringueiro.

Não é muito, porque o Plano Collor comeu uma boa parte, mas vai dar para comprar uma Kombi e uma casinha para levar sua mãe, como sonha fazer. Eu impusera como condição que ninguém — muito menos eu, claro — pudesse ter acesso ao dinheiro depositado, que só seria mexido quando ele completasse 21 anos. Achei, porém, que seria injusto retardar sua emancipação, agora que resolveu partir. Uma compreensiva autorização especial do juiz Siro Darlan derrubou barreiras burocráticas e facilitou as coisas.

Ao mostrar o esconderijo dos assassinos de Chico Mendes, o *Fantástico* de algumas semanas atrás serviu de vez para demover Genésio de sua insistência em voltar para Xapuri. O perigo anda solto, morando ao lado, ali em Cobija. Ele sabe como é fácil atravessar a fronteira, para lá ou para cá, coisa que, como se sabe, vêm fazendo Darli e Darci, à vontade, impunemente.

Menti pedindo a Genésio um pouco mais de paciência — que tivesse calma, pois em breve, quem sabe, ele ia poder voltar, pisar em bosta de boi, tirar leite de vaca, pegar o cavalo, disparar mata adentro e sangrar a primeira seringueira para ver a seiva correr, como fazia antes de Chico Mendes morrer.

Não tive coragem de lhe dizer que jamais voltará a fazer isso em sua terra natal sem risco de vida. Achei uma maldade revelar a um jovem de 20 anos, cheio de desajustes e de traumas, que o destino das testemunhas aqui é esse, é ficar fugindo. Agora, quando me perguntarem, como fazem sempre — “Aquele garoto ainda está nos Estados Unidos?” —, já sei o que responder: Não, está escondido em algum lugar ao norte de um país que assassina seus heróis, deixa os criminosos soltos e não dá proteção às testemunhas.

